**Entrevista com Noene Pereira Araújo**

(07/02/2022 às 15h pelo Google Meet)

**Delcides Marques (docente CCS/Univasf)**

**Arian Oliveira Costa (discente CCS/Univasf)**

**Maria de Lourdes Oliveira Dias (discente CCS/Univasf)**

**Mayriane Santos Silva (discente CPSI/Univasf)**

**Silvio Gabriel Linhares Guimarães (discente CPSI/Univasf)**

Noene Pereira Araújo é pedagoga. A sua trajetória de vida está profundamente marcada pela convivência com o bispo Dom José Rodrigues e a teologia da libertação praticada em Juazeiro-BA. Até hoje sua ação carrega essas influências. A conversa com Noene ocorreu graças à indicação e mediação de Maria de Lourdes Oliveira Dias (“Lourdinha”), estudante de Ciências Sociais e amiga de Noene. Ambas vivenciaram os “tempos de Dom José Rodrigues” na Diocese de Juazeiro-BA. A conversa foi ainda facilitada pela generosidade e disposição de Noene em contribuir para a realização de nossa atividade para o Núcleo Temático “Memórias e lutas sociais no Vale do Submédio São Francisco”, coordenado pelo prof. Adalton Marques. A entrevista teve a preocupação de contribuir na constituição de um acervo sobre experiências de fé que tornaram possíveis lutas sociais por direitos. No caso, com destaque para o catolicismo da libertação e o bispado de Dom José Rodrigues a partir de 1975 em Juazeiro-BA.

**Entrevista**

*Noene, desde a sua adolescência e juventude você se envolveu com atividades pastorais até o seu trabalho como religiosa, freira, na diocese de Juazeiro, Bahia, no período de Dom José Rodrigues. Assim, gostaríamos de saber, quais as influências da teologia da libertação em sua própria trajetória de vida?*

Quando Dom José chegou aqui, em Juazeiro eu morava em Pilão Arcado no interior numa comunidade por nome Olho d’Água inclusive os colegas de trabalho me chamavam a menina dos Olhos d’Água.

Dom José chegou em 1975. Eu tinha 16 anos morava lá no interior sem muita perspectiva de vida, trabalhando na roça com meus pais, eu nasci numa família que não tinha muito conhecimento bíblico, mas agente rezava muito sabe, a avó sempre colocava agente para rezar o terço. Aí Dom José chegou aqui na diocese com aquele profetismo dele todo e começou a energizar agente, lá pelo interior, pelos programas de rádio. E eu, um dia, com 16 anos escrevi uma carta para Dom José, não o conhecia, peguei e escrevi uma cartinha para ele. E ele me respondeu essa carta, ali para mim foi fantástico e mandou uns presentes para mim, um CD com música religiosa, uma Bíblia que era para mim começar o trabalho catequético lá, então isso dava uma energia tão grande na vida da gente, aí eu comecei a trabalhar no interior de Pilão Arcado, ele nos tocava com sua maneira dele falar na Emissora Rural, no Programa Participação e Comunhão. A Emissora Rural no interior, era o único meio de comunicação, não tinha energia e todo mundo ficava atento às 18:00 horas na Emissora Rural para escutar a voz de Dom José. E ali eu fui crescendo e com 16 anos ele foi lá rezar a missa e convidou-me para ser a catequista da comunidade. Aí começou todo o meu trabalho, uma coisa bonita é que ele levava agente a sonhar com um mundo melhor. E um mundo que não era construído por pessoas de fora isso é a teologia da libertação, um mundo que é construído por você, do jeito que você é, do jeito que você tem, você poderia construir aquele mundo, aquela organização, aquele sonho e ver crescer. Então! Quais as influencias que a teologia da libertação tem em minha trajetória de Vida? Eu digo para você que é o meu sangue, a minha vida, a teologia da libertação.

A gente tinha várias equipes a Comissão Pastoral da Terra (CPT), que lidava com a terra, com educação do trabalhador rural, para se organizar e conquistar seus direitos. É bom lembrar que Dom José Rodrigues chegou aqui na época da construção da Barragem de Sobradinho, existia muito sofrimento e por isso ele tomou logo essa posição, ficou do lado dos pobres. Na educação, antes de Dom José oferecia-se a educação formal, mas quando Dom José chegou, ele ampliou. Além dessa educação formal de aprender a ler e escrever, de aprender a ciência, todo mundo poderia ser educado nas suas próprias comunidades e partir para a luta, como a gente chamava na época, para a organização e luta, para defender o seu sindicato, para defender os seus direitos, fundar os sindicatos, as associações e defender os seus direitos.

Na saúde, a gente tinha a Comissão Pastoral da Saúde (CPS) e cada município tinha um coordenador e geralmente de dois em dois meses, a gente se reunia para avaliar os trabalhos e, além do Coordenador, em cada comunidade tinha um representante daquela determinada Pastoral. Um trabalho muito organizado. Se formava uma rede, aqui na Diocese desses trabalhos, além de outros, existia ainda a Pastoral da Mulher. E de três em três meses, juntava-se todas as pastorais para ver como era que estava andando os trabalhos em todos os municípios era mais o menos assim que funcionava. Ninguém caminhava solto, nós formávamos uma rede nas comunidades e na diocese. E tinha os Coordenadores Gerais, mas o coordenador principal era Dom José Rodrigues.

*Noene, o que você fazia na Pastoral da Saúde? O que trabalhavam com o povo nas comunidades?*

Na Pastoral da Saúde eu fiz parte da coordenação na época, a gente treinava os Agentes de Saúde que serviu de modelo para os Agentes de Saúde do governo federal. Na Pastoral da Criança o animador trabalha com as famílias, pesava as crianças e as que apresentavam desnutrição era oferecido a multimistura. A Pastoral da Saúde pensava assim, que o próprio agente de saúde junto com a comunidade, ele transformaria sua vida, lutava para ter médico, para ter saúde e viver bem. Oferecia também, os serviços de Parteira Leiga, porque nos fundão dos municípios não tinha médico e a gente era obrigada a fazer tudo, com a chegada das Irmãs Médicas de Santa Maria, oriundas dos Estados Unidos, realizou-se o curso de agente de saúde onde a pessoa aprendia a dar injeção e aprendia a fazer parto (Parteira Leiga) e outros. A gente mexia com tudo, quando quebrava um braço, a gente fazia tudo lá, até chegar em Remanso onde tinha um médico e o braço dos meninos e as pernas de ninguém ficava torto e nem precisava usar gesso.

*E os remédios como faziam?*

Os remédios eram das próprias das ervas, fazia o gesso com a palha da banana macia e dava certinho.

*A multimistura como era que fazia?*

A multimistura é feita do farelo do trigo com a folha da mandioca que é muito rica em complexo B, e a semente da abóbora, torrava tudo, pisava no pilão, não tinha liquidificador, a criança comia e com poucos dias estava com o peso normal. Até hoje o povo não esqueceu. Aqui mesmo em casa, quando alguém está com uma criança subnutrida, que está sempre gripando, vem aqui atrás da multimistura.

*A ideia seria pensar a questão do cuidado em seus diversos aspectos para entendermos a ação da igreja marcada pela teologia da libertação. Ou seja, de que modo essa educação influenciada pela teologia da libertação contribuiu para pensar a integralidade humana?*

Interessante que a igreja cuidava dos mais pobres, dos mais necessitados, ela fazia dele o próprio sujeito. Não é a igreja que faz, eu, como agente de pastoral não chegava lá na comunidade fazendo. A gente fazia o diagnóstico da realidade. Não era a gente que chegava com a folha da mandioca para fazer a multimistura, a pessoa ia buscar e ela mesmo preparava, tínhamos o cuidado de escutar a pessoa em suas dificuldades, trabalhava a pessoa como um todo, como sujeito de sua própria estrada. Se existe essa pobreza, essas dificuldades todas têm uma causa e junto com o povo a gente descobria essa causa, e ele ia se tornando líder da própria comunidade. Tinha o velho Sabiá ele disse que ele nunca tinha pegado numa Bíblia e quando Dom José chegou para ele a carta de Deus se abriu, que era a Bíblia, hoje ele já está lá do outro lado da vida, eu não me esqueço disso, do velho Sabiá. Dom José fazia sempre a leitura bíblica quando visitava o interior nas comunidades. A leitura em Atos 2,42-47 Atos dos Apóstolos, o retrato da comunidade cristã. Os primeiros cristãos, quais são os pilares dos primeiros cristãos? Comunhão fraterna, a fração do pão e a oração entre eles não havia nenhum necessitado. Eles vendiam suas propriedades e dividiam entre si e depois eles louvavam e bendizia a Deus por tudo aquilo. Era isso que Dom José pregava e aquilo pegava, porque o povo sentia essa energia e passavam a formar as comunidades.

 O povocriava os bancos de alimentos, os próprios remédios, usavam as cascas, as ervam, faziam os comprimidos de babosa como era chamado, todo mundo fazia e colocava em comum. Ninguém queria só para si, já tinha uma tradição, no nosso povo, aqui no Nordeste, de matar um bode e não vender, mandava um pedaço para o vizinho, porque quando ele matasse, também ele mandava para o outro. No dia que um mata um boi, por exemplo, todo mundo vai ajudar e vai trocando um com o outro. Essa questão do lucro, de ter e ser capaz de matar até alguém para ter o lucro, não era pregado na vida das comunidades de 1975, era como a vida dos primeiros cristãos. A gente fazia todo mês uma oferta, ficava aquela caixinha para quem precisasse ir para o médico em Remanso. Então, esse cuidado existia entre a gente, e também íamos atrás dos políticos.

*A teologia da libertação impactou a igreja em diversos âmbitos. Na experiência católica e seu método ver-julgar-agir, esta pedagogia ajudou na busca de uma compreensão crítica da realidade e impulsionou a ação transformadora. A partir disso quais semelhanças e diferenças entre a teologia da libertação e o método de Paulo Freire?*

Dom José admirava muito Paulo Freire, inclusive ele trouxe umas três vezes porque teve um momento que a preocupação era com o analfabetismo. O pessoal das comunidades não sabia ler, eu fui monitora lá na minha região, eu fiz o curso com o método Paulo Freire e lá na região a gente era monitora e ao mesmo tempo coordenava, Dom José tinha muito admiração por Paulo Freire e por seu trabalho. A semelhança, eu acho que é a de acreditar na pessoa, no excluído, o pobre no método Paulo Freire torna-se o sujeito da ação. A diocese também acreditava nisso e seguia a Bíblia.

A única diferença que eu acho, que um professor na educação ao ministrar uma aula ele vai utilizar o método Paulo Freire e não vai usar a Bíblia por que ali não é uma igreja e nós como líderes cristãos na Diocese de Juazeiro a gente usava a Bíblia, justamente para iluminar, para dar mais clareza para a vida da gente, acreditar que a pessoa pode ser sujeito da sua própria história.

*Ao longo de muitos anos a senhora tem servido à comunidade e aos mais carentes com seus serviços e devoção à Igreja. Tendo em vista que a maioria dos devotos é formada pelo público feminino, e tomando como exemplo os trabalhos feitos pelo Dom José Rodrigues aqui em Juazeiro na Pastoral da Mulher envolvendo o acolhimento, a formação profissional e a alfabetização das mulheres. Quais trabalhos a senhora observou naquele período, nas paróquias em que esteve presente, voltados às mulheres?*

A maioria das pessoas nas comunidades eram mulheres, que tomavam a frente nas comunidades, eram quem faziam a celebração da palavra e cantavam. Na questão da alfabetização no método Paulo Freire, as mulheres foram muito contempladas, e elas se tornaram as próprias monitoras. Por exemplo, Pilão Arcado, Campo Alegre de Lourdes, Sento-sé que são municípios grandes, Casa Nova e Juazeiro, tanto na periferia quanto no interior, as mulheres foram conquistando seu espaço, é tanto que estão aí.

*No boletim informativo* Caminhar Juntos *nº 92, de junho de 1984, existem críticas fortes relacionadas ao machismo presente na Igreja, bem como o papel secundário que a mulher exerce dentro da Instituição. Em trecho retirado do boletim: “Quem manda na Igreja? São os homens: Papa, Bispos, Padres, Teólogos [...] Então a Igreja é estruturalmente uma Instituição machista, muito machista. Por isso é importante que as mulheres na Igreja lutem para libertarem a Igreja desse machismo”. Tomando como base esse trecho, a senhora acredita que houve um movimento de mudança na Igreja de valorização do serviço feminino e união das mulheres em busca desta libertação do machismo presente na Instituição?*

No período de Dom José Rodrigues existia as equipes nas Pastorais em conjunto, com a presença de padres, freiras, agentes pastorais e leigos. Temos também teólogas, religiosas e escritoras a exemplo de Ivone Gebara.

*Num momento em que a teologia da libertação não é mais tão pujante como naqueles dias, e num período de tanto conservadorismo teológico, educacional e eclesiástico, qual seria a importância de recuperar as reflexões sobre teologia da libertação e educação para a nossa atualidade?*

A teologia da libertação eu acho que ela está mais viva do que nunca. Não está na Instituição, mas ela está na gente. Aqui onde eu moro, por exemplo, quando visito e escuto as famílias é a teologia da libertação. O Papa Francisco quer uma Igreja em saída. Ele fala muito nessa Igreja em saída, com a participação maior de leigos e não uma igreja tradicional. A gente celebrava a palavra, a eucaristia, batizado e casamento, o poder estava um pouco em nossas mãos, mas a gente nem percebia isso, Dom José tinha a preocupação de formar leigos e ter estudos bíblicos para preparar os leigos.